

# Nas sendas da ficção: história e literatura: Uma introdução ao dossiê *História, Literatura, Cultura Escrita*

Evander Ruthieri<sup>1</sup>

História e Literatura constituem campos de conhecimento que compartilham relações cognitivas com o mundo social e cultural, e que o investem, por meio da tessitura narrativa e em retratos de papel e letras, com sentidos e significações. Aos historiadores e historiadoras que se detêm sobre o universo literário, as trajetórias de autores e literatos, suas ficções e imaginações demandam um posicionamento que observa a textualidade enquanto fonte de conhecimento do passado; um conhecimento que compete à dimensão da linguagem e do sensível, dos imaginários sociais e de posicionamentos políticos, e do lugar das razões e das sensibilidades na História. Uma perspectiva que visa destrinchar, no nível da textualidade e da intertextualidade, no mundo dos livros e dos leitores, experiências que são ficcionais, constituídas com boa dose de criatividade e intencionalidade, mas que são tecidas e construídas a partir de situações concretas vivenciadas nos cotidianos destes sujeitos históricos, os protagonistas da literatura, que se convertem em observadores privilegiados de embates culturais e do mundo social.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: [evander.ruthieri@gmail.com](mailto:evander.ruthieri@gmail.com)

Este dossiê temático da Revista *Vernáculo* integra o crescente interesse manifesto pela pesquisa em História com relação às fontes literárias ou relacionadas às sendas da ficção – sejam estas romances, contos, novelas, seus leitores, editores e literatos, apenas para citar alguns exemplos. A perspectiva adotada, em uma postura teórico-metodológica que visa conectar a literatura à sua historicidade, evidencia, por um lado, o reconhecimento da capacidade inerente aos textos ficcionais em construir afinidades e entrelaces com o real, de modo a inscrever, em seu âmago sensível, pistas e indícios fragmentários de imaginários e sentimentos experienciados e partilhados pelos atores históricos. Por outro lado, esta aproximação com os textos literários é decorrente e sintomática dos desdobramentos de um período de expansão das abordagens e dos métodos utilizados pelos historiadores, cientes das discussões em torno dos aspectos narrativos relacionados à “operação historiográfica” (expressão de Michel de Certeau). Para tanto, compete aos historiadores e historiadoras a elaboração de estratégias de leitura e problematização do literário, capazes de detectar “testemunhos involuntários sobre usos e costumes, isolando na ficção fragmentos de verdade”<sup>2</sup>, como afirma o historiador italiano Carlo Ginzburg.

A utilização de fontes literárias para a pesquisa histórica recebe enfoque especial por intermédio das contribuições de historiadores da cultura, instigados a inquirir acerca da elaboração de representações

---

<sup>2</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 11.

individuais ou coletivas. Trata-se, portanto, de um desafio analítico em investigar e problematizar, pelo olhar histórico, a força de narrativas ficcionais, textuais ou mesmo imagéticas, em organizar as percepções e visões de mundo de indivíduos no tempo pretérito, literatos e romancistas. Refletir historicamente acerca do literário, reencontrar textos e autores em sua “lógica social”<sup>3</sup>, nos movimentos de sua sociedade e de seu tempo, destrinchar as trajetórias de literatos e leitores, ficções e personagens, são possibilidades alinhavadas à proposta de “partir do texto” para se “dedicar a reconstruir os contextos múltiplos nos quais ele adquire ação e sentido”<sup>4</sup>.

Mais do que mero reflexo dos imaginários sociais, a literatura torna-se parte constituinte destes sistemas de interpretação e significação do mundo social; daí a necessidade de pensar a potência política dos textos ficcionais: ou ainda, para usar a expressão de Stephen Greenblatt, a sua “energia social”<sup>5</sup>, o modo como o texto capta determinadas formas de expressão, razões e sentimentos de um tempo e lugar, para o qual retorna, dada a circularidade propiciada pelas práticas de leitura capazes de promover constantes transformações de sentidos. Aos pesquisadores da literatura coligidos neste dossiê, uma multiplicidade de questões é pertinente, e configura panoramas de problematização das fontes: quem são seus autores e autoras? O que

---

<sup>3</sup> SPIEGEL, Gabrielle. *The Past as a Text*. Baltimore: John Hopkins University, 2007.

<sup>4</sup> REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 11.

<sup>5</sup> GREENBLATT, Stephen. *Shakespearean negotiations: the circulation of social energy in renaissance England*. Los Angeles: University of California Press, 1988.

liam, ou ainda como liam? Por onde suas produções literárias circularam? Com quem dialogavam? Quais eram seus posicionamentos políticos, suas aspirações sociais, seus recursos estilísticos? Em que lugares da cultura escrita publicavam?

Na abertura do dossiê, o artigo de Gustavo Feital Monteiro, **Analisando a escrita do passado: sobre o conceito de *literatura de testemunho* de Seligmann-Silva**, promove uma discussão teórica a respeito do aporte conceitual fornecido pelo crítico literário, em especial se aplicada a questões caras e sensíveis para parte da ficção contemporânea: como representar o trauma e a catástrofe, diante das próprias limitações da linguagem? Ao ensaio teórico, segue o artigo de Jaqueline Silva de Macedo, ***Lugares comuns e interpretação alegórica: considerações sobre a elaboração da literatura medieval a partir de um Roman do século XIV***, o qual versa sobre o *Roman de Fauve*, produzido em meio às disputas entre o monarca francês, Filipe, o Belo e os papas Bonifácio VIII e Clemente V. A atenção especial do artigo recai sobre as formas narrativas mobilizadas no contexto dos círculos principescos medievais, cingindo texto e contexto na análise das fontes.

Do contexto medieval, parte-se para o Brasil de fins do século XIX com o artigo de Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti, **Opressão e escravidão no episódio do vergalho em *Memórias Póstumas de Brás Cubas***, em que o texto de Machado de Assis, personagem emblemático do cenário literário do período, é analisado à

luz da historiografia e das ciências sociais. Certo senso de protagonismo social e implicações políticas reverberam neste e no artigo seguinte, **Questões históricas transpostas na forma literária em *A Flor da Inglaterra*, de George Orwell**, de autoria de Débora Reis Tavares. Ao partir de um panorama dos círculos literários da esquerda inglesa na metade da década de 1930, o texto analisa a obra de Orwell com destaque para as conexões entre formas estilísticas e intencionalidades políticas. No artigo **Antínoo(s) e *Antinous*: da reinterpretação do poema homônimo de Fernando Pessoa**, de Igor Lemos Moreira e Vítor M. Costa, a poética do autor português é retomada a partir de um prisma da hermenêutica, com ênfase nas vicissitudes editoriais em torno da reelaboração de poemas inspirados na cultura clássica.

A perspectiva da cultura escrita e da história dos livros e da leitura recebe destaque no próximo artigo, **Entre livros e leitores: o catálogo de obras da biblioteca do Gabinete de Leitura de Jundiáí**, de Paulo Henrique de Oliveira, no qual a trajetória da instituição de salvaguarda é analisada, bem como os métodos de sistematização bibliográfica mobilizados por seus articulistas na primeira metade do século XX. Deste mesmo período, o artigo de Ana Luiza Mendes, **Pagu e a narrativa da vida engajada**, incide sobre uma personagem negligenciada pelos cânones da literatura nacional, Patrícia Galvão e, de modo específico, seu “romance proletário”, *Parque Industrial*. Municado por uma perspectiva teórica da crítica literária feminista, o

artigo deixa em relevo o caráter revolucionário da ficção de Pagu, carregada de forte crítica social.

A relação entre movimentos sociais, literatura e memória deslinda no artigo seguinte, **A representação do movimento dos posseiros de Cotaxé na obra literária de Adilson Vilaça**, de Victor Augusto Lage Pena. O texto versa sobre o Movimento Udelinista, organização de posseiros no Espírito Santo entre as décadas de 1940 e 1950, mobilizados em torno do caráter religioso e supostamente messiânico de seu líder, Udelino Alves de Mato. A potencialidade da literatura em fornecer figurações do cotidiano de homens e mulheres comuns, sobretudo das camadas menos abastadas da sociedade brasileira, orienta o próximo artigo, **Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo**, de Jéssica Tomiko Araújo Mitsuuchi. O texto de Carolina Maria de Jesus, mulher negra e pobre que encontra na escrita autorreferencial um espaço de protagonismo, concentra-se no cotidiano da favela do Canindé, em São Paulo da década de 1950 e, após muitas décadas em relativo esquecimento, tem sido retomado pela historiografia e crítica literária recente.

A chamada “geração do mimeógrafo” da poesia marginal brasileira dos anos de 1970 é foco de análise no texto de Emilly Fidelix da Silva, intitulado **Ana Cristina César: entre escritas de si e poesia marginal**. Articulado a uma discussão teórico-conceitual a respeito das práticas de escrita e arquivamento de si, o artigo versa sobre Ana

Cristina César, em especial, sobre as impressões de suas subjetividades reconfiguradas na sua poética. Nota-se, tanto aqui quanto nos outros textos coligidos neste dossiê, a importância de análises que relacionem trajetórias e produções culturais, ou ainda autobiografias e escritas ficcionais, eixo de problematização atento às circunstâncias intelectuais, culturais e sociais de produção e difusão da literatura.

O dossiê encerra-se com as análises de duas obras literárias de significativa importância para o estudo da história da África contemporânea. O texto de Flora Morena Marina Martini de Araujo, **Uma leitura feminista da obra Niketche: uma história da poligamia, de Paulina Chiziane**, retoma a perspectiva da historiografia e da crítica literária feminista, com ênfase no caráter notadamente excludente do cânone ocidental. O romance de Paulina Chiziane possibilita pensar os “outros tons ao combate ao colonialismo”, isto é, a problematização dos processos históricos de descolonização em África a partir das subjetividades e da potência política da literatura de autoria feminina. O último artigo, **O caminho da nação através do rio e do tempo: uma análise de Mia Couto**, de Fabiane Mirian Furquim, visa analisar a obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, publicada originalmente em 2002. Concentra-se nas representações da nação moçambicana emolduradas entre projetos políticos distintos que se constituem nas décadas que precedem e antecedem o movimento de independência e descolonização de Moçambique.

Em múltiplas temporalidades e recortes temáticos, os textos reunidos neste dossiê visam instigar a problematização e crítica das fontes literárias a partir de uma perspectiva histórica, sintomática de um crescimento significativo do interesse de historiadores e historiadoras pelas veredas da ficcionalidade. Nesta direção, os pesquisadores participantes do dossiê fornecem possibilidades de abordagens que permitem pensar a literatura enquanto dimensão estruturante do mundo social, e espera-se que a leitura destes artigos instigue novas pesquisas a respeito das relações incessantes entre História e Literatura.